



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

11^o

ESPETÁCULO
DE
FILMES DE ARTE

15 de junho de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

«NOSFERATU, O VAMPIRO»

(NOSFERATU, EINE SYMPHONIE DES GRAUENS)

Ficha técnica: —

Realização — F. W. Murnau

Argumento e roteiro — Henrik Galeen, segundo “Dracula” de Bram Stoker

Cenografia — Albin Grau

Fotografia — Fritz Arno Wagner

Interpretação — Max Schreck (Orlok, Nosferatu o Vampiro), Alexander Granach (Knock, agente de imóveis), Gustav von Wangenheim (Huttner, seu empregado), Greta Schroeder (espôsa de Huttner)

Produção — Prana Film S/A

Estréia mundial — 5 de março de 1922

Frederich Wilhelm Murnau, nascido em Bielefeld em 1888 e morto trágicamente na Califórnia em 1931, é o maior cineasta alemão de todos os tempos, um dos dez mais importantes autores da história universal do cinema.

“Nosferatu, o vampiro”, primeiro filme que o celebrou, inclui-se numa obra na qual há pelo menos outros cinco momentos imperecíveis: “O último dos homens” (1924), “Tartufo” (1925), “Fausto” (1926), “Aurora” (1927) e “Tabu” (1929).

Que é “Nosferatu, o vampiro”? Aparentemente, uma fita de terror, um “drácula” de que se originaram muitos “dráculas”, prodígio que tem sido o cinema em criar essas figuras fantásticas e irreais vindas literariamente desde a Idade Média. No fundo, essa fita, como diria Jean Mitry, ficou como o exemplo definitivo do sentimento de uma presença sobrenatural através de objetos tomados na própria natureza. Contrariamente à escola alemã da época, na plenitude do expressionismo, as paisagens dos Cárpatos, a pequena cidade hanseática e o castelo de “Nosferatu” foram filmadas ao ar livre, fora de estúdio, sem aquela arquitetura cênica que tinha datado “O gabinete do doutor Caligari” como uma obra-prima de invenção cenográfica mas também de artifício plástico, depois tão insistentemente repetido pelos cineastas germânicos.

A visão cinematográfica de Murnau não era o resultado de um esforço de estilização decorativa. Ele soube criar as imagens mais fascinantemente estranhas sem sair da realidade visível. A natureza participa do drama: o ritmo das ondas deixa prever a aproximação do vampiro, a chegada do destino que vai perturbar a cidade. Colinas sombrias, florestas espessas, céus de nuvens cinzentas anunciam a tempestade: como escreveria Bela Balazs, a noção do sobrenatural pelo natural.

A câmara de Fritz Arno Wagner sob a direção de Murnau encarrega-se, por si só, de evocar o bizarro mediante o emprêgo de ângulos imprevistos que atribuem ao castelo do vampiro um aspecto sinistro,

quando no pátio Nosferatu se apresta para partir. E que há de mais expressivo como fantástico do que uma rua estreita em sua atroz monotonia tomada através de uma janela cujos varotes cruzam a imagem? A atmosfera de terror aumenta com o avelutamento do vampiro: sua forma odiosa avança lentamente para a câmara, da profundidade extrema do campo para uma proximidade em que se torna gigantesco, dominador, tirânico sobre nosso medo ancestral.

Os espectros das árvores brancas e nuas erguem-se sobre um fundo negro semelhantes a carcassas anti-diluvianas durante o percurso veloz para o castelo do monstro: o efeito produz-se pela intercalação de alguns metros de filme em negativo. Sempre, assim, uma linguagem puramente cinematográfica, sem dependência de outros meios estéticos. O desconhecido, a magia, as forças misteriosas, os lugares predestinados: eis o que acontece, desde o instante em que Hutter ultrapassa a ponte, indo ao encontro dos fantasmas. O real e o imaginário se penetram e vão fazer do filme uma aliança entre a vida e o sonho, ou melhor entre a vida e o pesadelo, de que o sonambulismo de Ellen é o exercício mais singular. Talvez a frase de André Breton seja a mais reveladora desse fenômeno: “O que há de admirável no fantástico é que não há mais fantástico: não há senão o real”. O próprio cotidiano se faz suprarreal: Hutter colhendo flores, Hutter partindo, numa premonição (para o espectador) do que virá de terrível e sombrio.

Mas, sem dúvida, o primeiro elemento criador do fantástico em “Nosferatu”, segundo lembra Charles Jameaux, é o vampiro mesmo. Sua aparência basta para prová-lo. Uma silhueta macabra. A fixidez do corpo, a vagarosidade do passo, o caráter inexorável de sua progressão. Aliás, o vampiro “plano” e não marcha.

Prestando-se a muitas interpretações, esta obra mestra de Murnau se talvez envelheceu do ponto de vista temático, permanece por seu estilo uma das culminâncias do período silencioso do cinema.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

UMA PROGRAMAÇÃO
DO CINEMA UNIVERSITÁRIO